

HISTÓRIA ECONÔMICA DA CIDADE DE DIAMANTINA / MG

Alessandro Borsagli

Puc – Minas

Fernanda Guerra Lima Medeiros

CEFET - MG

borsagli@gmail.com

Resumo

Sendo a economia um dos principais fatores para o desenvolvimento e o povoamento de uma região, então se uma região apresenta uma economia estável, propiciada pela exploração de recursos naturais ou mesmo como entreposto comercial ela se torna atrativa para a migração ocorrendo então um aumento populacional e urbano. Esse é o caso de Diamantina, já que nessa cidade, seu crescimento urbano está estritamente ligado ao crescimento econômico. No período colonial houve um maior controle populacional na cidade de Diamantina por parte da Coroa, então detentora exclusiva da exploração dos diamantes no Distrito Diamantino. No final do Século XIX ocorre um fluxo migratório para a cidade, em decorrência do crescimento econômico proporcionado pela acumulação de capital oriundo da decadente exploração de diamantes. Nas primeiras décadas do Século XX a cidade sofre uma estagnação econômica e urbana chegando a decrescer a partir dos anos 1950 em decorrência da decadência econômica. Nas últimas décadas a economia vem crescendo novamente, juntamente com a malha urbana da cidade.

Palavras chave: Crescimento econômico, crescimento urbano, diamantes.

Abstract

The economy is a major factor for the development and population of a region. If the region has a stable economy, caused by the exploitation of natural resources or even as a trading makes it attractive for migration occurring then a population increase and urban development. In the town of Diamantina urban growth is closely linked to economic growth. During the colonial period there was a higher population control in the city of Diamantina by the Crown,

then sole owner of the exploitation of diamonds in the Diamond District. In the late nineteenth century is a migration to the city, due to the economic growth provided by the accumulation of capital from the decadent diamond exploration. In the first decades of the twentieth century the city suffered an economic stagnation and declining urban coming from the year 1950 due to economic decline. In recent decades the economy is growing again, along with the city network.

Keywords: Economic evolution, urban growth, diamonds.

INTRODUÇÃO

A Restauração da Independência de Portugal em 1640 encerrou com a dominação espanhola sobre o Reino que durou sessenta anos. Portugal saiu da União Ibérica economicamente arrasado. A economia açucareira, alicerce da economia portuguesa estava desorganizada e grande parte dos entrepostos comerciais de Portugal no Oriente haviam sido perdidos para outras nações que emergiam como potências nesse período. Para manter as suas colônias, responsáveis pela base de sua economia, Portugal se viu obrigado a se aliar a uma das potências emergentes no período e em 1642 é fechado o primeiro acordo entre Portugal e Inglaterra.

Nas décadas seguintes o mercado do açúcar produzido nas colônias de Portugal ainda não havia conseguido se organizar, principalmente pela baixa dos preços no mercado europeu causada pelo açúcar das Antilhas Francesas e Holandesas. Junto com a decadência das colônias vinha a decadência da Metrópole. O iminente colapso econômico que se projetava forçou o Reino a encontrar uma solução para o déficit da balança comercial portuguesa. A solução encontrada pelo reino foi o investimento em expedições pelo interior do Brasil em busca do tão sonhado metal precioso, cuja existência já se conhecia através de relatos fragmentados de alguns exploradores e caçadores de índios provenientes de São Paulo. Foi necessário quase um quarto de século para a descoberta de ouro em parte do território que hoje pertence ao estado de Minas Gerais.

A descoberta de ouro no interior do Brasil no final do Século XVII reacendeu a economia portuguesa, em franca decadência, conforme dito anteriormente desde meados do Século XVII devido à concorrência dos produtos oriundos das colônias inglesas, holandesas e francesas nas Américas. Isso levou a um imediato deslocamento de grandes contingentes

populacionais para a região das Minas. Uma consequência desse deslocamento foi o surgimento de numerosos núcleos urbanos nas imediações das áreas de mineração. Ao longo dos anos, alguns desses núcleos, estrategicamente situados em áreas onde a Coroa pudesse manter controle, foram crescendo e se fortalecendo economicamente sendo que alguns deles foram elevados à condição de Vila. Na região do Serro Frio apareceram inúmeros núcleos mineradores que com o tempo se tornaram arraiais, como por exemplo, o Arraial do Tejuco, atual Diamantina.

Desde a sua fundação, a cidade de Diamantina sempre desempenhou um papel central na região do Alto Jequitinhonha. A descoberta de diamantes na região do Arraial do Tejuco, fez com que a Coroa desempenhasse um maior controle da região, uma vez que um grande contingente populacional se deslocou para a região atrás das riquezas provindas do garimpo. O comércio do arraial, desde os tempos coloniais sempre foi forte e abastecia todo o norte mineiro. O arraial adquiriu formas bem distintas em relação aos demais centros urbanos da capitania de Minas Gerais surgidos no mesmo período, tanto na sua organização social, como na organização econômica e política¹.

Durante sua história, a cidade de Diamantina passou por alguns períodos de prosperidade econômica, com forte desenvolvimento do comércio, extração e lapidação de minerais preciosos, períodos de estagnação econômica e até crises. As marcas destes diferentes períodos econômicos de Diamantina estão refletidas no traçado urbano e nas características das edificações. Para se que possa compreender melhor estes períodos econômicos eles foram divididos em quatro períodos, porém ligados entre si, ainda lembrando que o crescimento econômico está estritamente ligado ao crescimento urbano.

1º Período: Da fundação do Arraial do Tejuco até o término do período dos Contratadores no final de 1771.

O Arraial do Tejuco, atual Diamantina, surgiu como os outros núcleos urbanos do seu tempo em decorrência da existência e posterior exploração aurífera. Estes arraiais que foram proliferando ao ritmo das descobertas de novos veios nos regatos e grupiarias espalhavam-se por áreas contíguas e por conta disso foram compondo uma rede urbana “ao longo dos caminhos e estradas nas encruzilhadas ou nas travessias de cursos d’água, a margem dos locais onde o ouro e o diamante eram encontrados” (SILVA TELLES,

¹ Fundação João Pinheiro, vol. 9, n° 7, p. 466, jul. 1979.

1978, p.46). Normalmente os arraiais, que se assentavam ao redor de capelas, orientavam-se pelos caminhos, configuração que se observa nos primeiros núcleos de povoamento, como lemos nas palavras de Silvio de Vasconcellos:

(...) suas ruas são sempre antigas estradas. Por isso mesmo, foram a princípio chamadas de rua da Praça, da Matriz, da Câmara, etc. Não porque nelas se localizassem estas edificações, mas porque a elas conduziam. Por isso mesmo ainda hoje os habitantes da zona rural tratam a cidade como ‘a rua’, no singular, como uma reminiscência do trecho único da estrada onde se construíram estabelecimentos comerciais. ‘Vou à rua fazer compras’, dizem. E, realmente, à rua quase só vão com essa finalidade (VASCONCELLOS, 1959)

Inicialmente o núcleo primitivo do Tejuco assentou-se na vertente do Córrego São Francisco onde se localizam as ruas de Santa Catarina e do Burgalhau. A ocupação se deu nesse local por estar próximas às lavras auríferas e pelo fato de que a estrada de acesso a Vila do Príncipe e a Vila Rica, então capital da Província, cortar o arraial. É por ela que chegavam os víveres necessários para a sobrevivência da população do arraial. As cidades mineiras do Século XVIII surgiram todas pelos caminhos abertos pelos primeiros exploradores. Os caminhos que interligavam os arraiais e que posteriormente transformaram-se em estradas anteciparam a institucionalização do espaço destes arraiais devido ao comércio e as rotas de abastecimento, caracterizando-os não mais apenas como um “espaço de produção”, mas sim como “espaço de reprodução”, já que a ordenação e normatização urbana são sinais de que isso se define.

A declaração da descoberta dos diamantes em 1729 fez com que um grande número de pessoas se deslocasse para o arraial. Um comerciante, Francisco da Cruz morador da Vila de Sabará relatou que a Vila estava ficando deserta, pois todos corriam para a região diamantina². A chegada de tamanha população fez com que o arraial se expandisse para além do núcleo inicial. Ele foi crescendo em direção do Morro de Santo Antonio e o centro do arraial foi então deslocado para uma área menos tortuosa, no qual hoje se localiza a Praça da Matriz, atual centro de Diamantina. O arraial cresceu tanto em tão pouco tempo que o Governador da Capitania, Dom Lourenço de Almeida, reconheceu que a população do arraial já ultrapassara em muito a da Vila do Príncipe, embora esta fosse a “cabeça” da comarca. A influência do Tejuco já se espalhara por todo o norte de Minas. A economia do arraial sofreu um grande impulso com a descoberta e com o grande número de pessoas que se deslocaram para lá. Apareceram

² FURTADO, Chica da Silva, 2003, p.29.

negociantes, comerciantes e tantas outras funções que a Coroa então percebeu que era necessário um maior controle sobre a região evitando assim prejuízos ao Erário Real.

Em 1731 foi enviado ao Governador um decreto impedindo a exploração dos diamantes em todos os rios que os tivessem, decretando então o monopólio real sobre as gemas. A Metrópole queria ter maior lucro com as jazidas, já que só se cobrava apenas o imposto da Captação. Mas o decreto não foi posto em prática e o comércio do diamante voltou a ser franqueado em toda a região e o arraial do Tejuco, centro do comércio do diamante, continuava recebendo mais pessoas vindas das minas e até mesmo de Portugal.

A Coroa, percebendo a necessidade de uma administração especial na região resolve criar no início de 1734 a Intendência dos Diamantes. Nesse mesmo ano foi publicado um decreto que proibia toda e qualquer exploração dos diamantes na Demarcação. O fluxo de diamantes foi tão grande que o seu preço despencou na Europa, causando grandes prejuízos para a Coroa. Até 1734 os limites do Distrito ainda não se encontravam bem definidos, os decretos proibindo a mineração faziam apenas menção aos rios e ribeirões proibidos. Foi então feita uma delimitação mais precisa dos limites do Distrito em 1739, com cerca de oito postos fiscais que controlavam a entrada e saída do distrito (Figura 01). Também em 1739 foi estabelecido o sistema de exploração das lavras diamantinas por contrato, levando então a população residente no Distrito a procurar novas formas de sobrevivência.

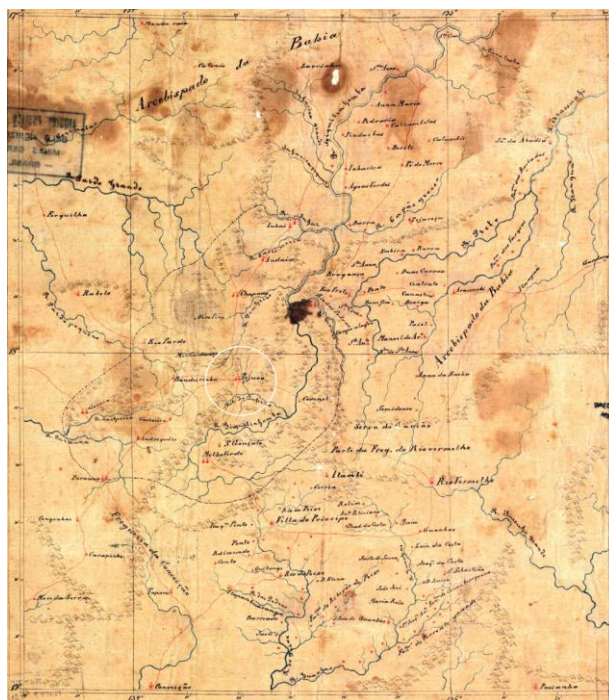


Figura 01: Mapa do Distrito Diamantino onde se vê no centro da imagem o arraial do Tejuco, ponto de convergência de toda a região. **Fonte:** Arquivo Público Mineiro.

Com o maior rigor por parte da Coroa o arraial, centro de convergência do comércio do Distrito e de fora dele, passou a ter mais controle sobre o que era aí comercializado. Era de extrema importância para a metrópole o controle, pois o contrabando era extremamente forte e servia como base econômica de inúmeras famílias do Tejuco e em muitos casos, os contrabandistas eram acobertados pela própria Intendência³. Segundo cálculo de Eschwege⁴, no início do século XIX o volume do contrabando era igual ao da produção. Daí se pode concluir a importância do contrabando para a economia do Tejuco no período colonial.

Segundo Felício dos Santos, foi no período dos Contratadores que o Tejuco aumentou consideravelmente sua população e o comércio se desenvolveu, mesmo com as leis e bandos em vigor, que procuravam controlar e até mesmo extingui-lo⁵.

Uma das características da economia do Arraial no período colonial eram os rearranjos da população em torno das leis e decretos que vinham da metrópole, restringindo ou mudando a forma de exploração e ocupação do território. A Metrópole poderia e realmente tinha a intenção de inibir o máximo possível a acumulação gerada pelo comércio no Distrito, mas a população sempre encontrava uma saída para a sobrevivência estabelecendo redes de contrabando de diamantes, que a Coroa não conseguia desarticular, alugando escravos para os Contratadores e, posteriormente para a Real Extração, como também se empregando na Administração, como se verá adiante. Mas, se por um lado a Coroa tentava controlar o Distrito para evitar a acumulação de Capital, por outro essa acumulação favorecia o Mercantilismo entre Colônia-Metrópole com a compra de produtos vindos de Portugal por alguns moradores mais abastados do Arraial que acumulavam fortunas devido ao contrabando de diamantes. O Mercantilismo era à base da economia brasileira no período colonial sob qual Portugal detinha os monopólios do comércio sobre os produtos enviados para a colônia. Esse monopólio perdurou até 1808 com a vinda de D.João VI para cá. E aquele era na verdade, a transferência da riqueza da colônia para a metrópole, sendo que no caso de Diamantina o enviado eram os diamantes, pequenas quantidade de ouro e pedras preciosas, tudo severamente controlado pela Coroa. O destino desses minerais na época já foi bastante estudado por diversos autores: o ouro foi em grande parte para a Inglaterra e serviu para financiar a Revolução Industrial, ao mesmo tempo em que o metal também ajudaria a fortalecer a economia da Ilha, em um comércio quase unilateral com Portugal, que trocava o ouro por manufaturas e artigos de luxo. Já o diamante, monopólio régio era a produção

³ FURTADO, Livro da Capa Verde, 1996, p.65.

⁴ ESCHWEGE, Pluto Brasiliensis, 1974, vol.2, p.89.

⁵ SANTOS, Memórias do Distrito Diamantino, 1976, p.119.

praticamente empenhada aos banqueiros e negociantes holandeses.

Com a dificuldade de combater os descaminhos do diamante, em 1771 o Marquês de Pombal criou o monopólio real dos diamantes extinguindo o sistema de exploração por contrato e criando a Real Extração dos Diamantes.

2º Período: De 1772, quando a Real Extração assume o controle pela extração no Distrito até por volta de 1832 quando os rios diamantíferos foram franqueados para quem os quisesse explorar.

A população do Distrito em 1772 soube se reorganizar em torno do novo sistema de exploração dos diamantes e passou a tirar daí o seu sustento. A classe média do Tejuco, por exemplo, passou a compor a guarda responsável pelo patrulhamento do distrito. A classe dominante, composta de portugueses e descendentes, passou a ocupar os cargos da Real Extração. Os escravos, que antes trabalhavam para os contratadores, foram alugados para a real Extração, que pagava aos seus senhores diárias pelo serviço (Figura 02). Mesmo com essa mudança na exploração dos diamantes continuaram tendo importância as outras atividades (comércio, agricultura e pecuária), atividades que eram exercidas dentro e fora da demarcação e que tinham participação de alguns cidadãos do arraial.



Figura 02: Serviço de extração de diamantes no Rio Jequitinhonha em 1803.

Fonte: Arquivo Público Mineiro

Uma grande parcela da população tinha escravos alugados para a Real Extração e muitos deles viviam do aluguel pago pela Junta. Quando a Coroa pensou em revogar o monopólio dos diamantes em 1803, a população que vivia desse aluguel ficou temerosa de perder essa importante fonte de renda e para evitar um colapso da economia local foi necessário que a Coroa desistisse por um tempo dessa medida. Uma revogação do monopólio prejudicaria consideravelmente a população do arraial que já tinha consolidada a sua economia na Real Extração e a coroa suprimindo o monopólio certamente levaria o arraial e região à ruína.

Saint-Hilaire observou, em 1818 o modo usado pelos habitantes do Tejuco para empregar seu capital:

A compra de escravos é também para grande numero dos habitantes de Tijuco [sic],um meio fácil de valorizar seus capitais;eles alugam à administração dos diamantes os escravos de que se tornam proprietários,e por esse meio retiram de seu capital juros de cerca de 16%. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 19)

O comércio nesse período era intenso e supria a região com diversos artigos, geralmente importados de Portugal e da Inglaterra além dos cereais e grãos produzidos nas terras próximas do Distrito. John Mawe observou em 1808 que as altas somas pagas pela Real Extração:

(...) movimentam grande comercio. As lojas estão abarrotadas de mercadorias de fabricas inglesas,assim como presuntos,queijo, manteiga, cerveja e outros produtos de consumo. Animais carregados deles chegam muitas vezes da Bahia e do Rio de Janeiro⁶ (MAWE,1974, p. 158)

Saint-Hilaire registrou em seu diário que:

As lojas dessa aldeia são providas de toda sorte de panos; nelas se encontram também chapéus, comestíveis, quinquilharia, louças, vidros e mesmo grande quantidade de artigos de luxo, que causam admiração sejam procurados a uma tão grande distancia do litoral (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 33)

A partir de 1822, após a declaração de independência do Brasil vários rios diamantíferos foram franqueados para quem os quisesse explorar por sua conta. A Real Extração estava em franco declínio e impossibilitada de honrar os pagamentos em relação ao

⁶ MAWE, Viagens ao Interior do Brasil, 1974, p.158.

aluguel dos escravos. Em 1832 o governo Imperial resolve extinguir a Real Extração não acertando os alugueis dos escravos nem honrando dividas anteriores. Seus proprietários passaram então a empregá-los na exploração dos rios franqueados mantendo-se em parte o equilíbrio da economia da agora Vila Diamantina, criada em 1831. Na década de 1840, uma população estimada em cerca de 150 mil habitantes vivia direta ou indiretamente da exploração de diamantes na região de Diamantina.

George Gardner, ao visitar a cidade de Diamantina em 1840 registra em seu diário que:

Muitas das lojas são bem iguais no aspecto às do Rio de Janeiro e sortidas mais ou menos dos mesmos artigos e a diferença de preço raramente excede de vinte por cento⁷ (GARDNER,1975, p. 208)

Segundo Fernandes e Conceição (2003):

as décadas de 1840 e 1850 foram testemunhas de um rápido crescimento demográfico e de uma significativa acumulação capitalista. Aos antigos mineradores e proprietários de escravos somaram-se novos comerciantes de diamantes, atacadistas, fazendeiros, assim como garimpeiros ricos, frutos da descoberta de novas jazidas. Espelhando essa recente expansão econômica houve uma aceleração do crescimento da malha urbana de Diamantina (FERNANDES & CONCEIÇÃO,2003, p. 44)

3º Período: Da queda dos preços do diamante na década de 1860 até a modernização dos serviços de transporte, por volta de 1960.

Ao contrario do que ocorreu na região das minas, onde a decadência da exploração se revelou no final do século XVIII, na região de Diamantina essa só se consolidou mesmo a partir da década de 1860, com a descoberta de diamantes na África do Sul. O comércio dos diamantes entra então em decadência, provocando queda significativa no preço das gemas brasileiras e falência de vários negociantes de Diamantina. A elite local procurou outra forma de aplicar o capital acumulado voltando-se para o comércio com as outras regiões do estado e para a implantação de indústrias têxteis, como solução para a onda de quebras que estava ocorrendo na cidade. As elites locais, encabeçadas pelo bispo da recém criada diocese de Diamantina, enviaram uma representação à Câmara Municipal, distribuída posteriormente em todos os municípios do Norte, na qual ponderam:

⁷ GARDNER, Viagem ao Interior do Brasil, 1974, p.208.

Não ignorais quais têm sido as conseqüências da atual crise: o comércio completamente paralisado, os mineiros arruinados, um quase estado geral de falências; e o que ainda é mais horrível, a miséria, a fome de milhares de trabalhadores que não têm em que se ocupar e com que sustentar suas famílias, porque vós o sabeis, nem todos possuem terras para cultivar. Uma fábrica de tecido neste município daria emprego a muitos braços e animaria a cultura de um gênero em completo abandono. E não seria esta a sua principal vantagem. Outras fábricas pode se estabeleceriam quando capitais hoje desanimados vissem um emprego lucrativo, certo e não precário de um comércio e mineração quase extinta (SOUZA, 1993).

As elites locais resolveram expandir seus investimentos para além da indústria têxtil já citada, para o comércio e prestação de serviços. É nessa época que Diamantina se torna entreposto comercial entre a região leste colonizada há pouco tempo, que então escoava suas mercadorias, até o porto de Santo Hipólito no Vale do Rio das Velhas. Data também dessa época, uma tentativa de maior valorização dos diamantes no mercado internacional, com a criação das casas de lapidação. O isolamento da região proporcionou um fortalecimento do mercado regional protegido da concorrência externa. Diamantina tornou-se então, até as primeiras décadas do século XX, um dos mais importantes centros de comércio e indústria de Minas Gerais expandindo sua influência por todo o norte mineiro (Figura 03). O período mercantilista já havia acabado, porém ainda havia uma maciça presença de produtos estrangeiros na cidade, não portugueses, mas na maioria ingleses. E como em outras partes do estado o capital estrangeiro fazia-se presente também em Diamantina.



Figura 03: Rua Direita, uma das principais ruas comerciais de Diamantina em 1868.

Fonte: Arquivo Público Mineiro

Segundo Martins, a cidade distribuía para todo o norte de Minas:

(...) tecidos, objetos de luxo, ferragens, louças, fumo, sal, querosene, cerveja, vinho, máquinas de costura, etc. Recebia produtos agrícolas, carne seca e toucinho, aguardente e rapadura, utensílios e ferramentas de ferro, algodão, etc (MARTINS, 2003, p. 287)

Não se deve esquecer também que foi no início do Século XX que se inicia a construção do ramal ferroviário devido à pressão local pela necessidade de um melhor escoamento de mercadorias. Inaugurado em 1914 o ramal inaugurou uma nova fase de comunicação de Diamantina com os centros mais importantes do Estado e também do escoamento das mercadorias de todo o norte de Minas e Alto Jequitinhonha. Os caminhos tiveram grande importância para o desenvolvimento de Diamantina, pois eles foram fatores determinantes para as ligações entre Diamantina e outras regiões do Estado.

No início do século XX, o grande comércio local fazia negócios com os comerciantes do Rio de Janeiro e Belo Horizonte e comprava ouro e diamantes para depois revendê-los. As grandes casas comerciais de Diamantina estavam presentes em toda a região, fazendo diversas transações comerciais com os pequenos e médios estabelecimentos existentes. O mercado municipal administrado pela Intendência detinha o monopólio do comércio no abastecimento e era para aí que se dirigiam os tropeiros ao chegar à cidade, expondo suas mercadorias para a população ter o acesso antes dos comerciantes locais.

A cidade de Diamantina, em 1925 era uma das dez maiores cidades em número de estabelecimentos comerciais, ficando atrás apenas das cidades ligadas à economia mineira da República Velha.

Por volta dos anos 30 a região do Alto Jequitinhonha, da qual Diamantina faz parte, começou a sofrer uma estagnação econômica deflagrada por vários fatores como a constante emigração para as regiões mais ao sul, que se industrializavam em um ritmo acelerado e necessitavam cada vez mais de mão de obra. A concorrência com os produtos de outras áreas industriais que antes quase não existiam passou a ser cada vez mais crescente, em virtude da falta de investimentos nas indústrias da região que se tornaram obsoletas. A abertura de estradas de rodagem diminuiu o tempo de chegada de mercadorias de fora aos centros de comércio, o que levou a partir de Década de 50 a extinção do ofício de Tropeiro, que constituía desde os tempos coloniais a principal forma de comércio da cidade de Diamantina com as cidades do norte. As estradas ainda foram responsáveis pela perda da liderança que Diamantina tinha no norte do estado, pois, as principais rodovias foram abertas a leste da

cidade, ligando diretamente os eixos Rio - São Paulo a região leste de Minas Gerais e Bahia, fazendo com que o fornecimento de mercadorias não passasse mais por Diamantina como era feito anteriormente.

4º Período: Da decadência da indústria têxtil e da mineração a partir de 1960 até a recuperação nos dias atuais.

No início dos anos 60, Montes Claros começa a se despontar como força polarizadora da região norte de Minas Gerais com a pecuária e a industrialização que se acentuou nos últimos anos, tirando a influência regional que Diamantina exercia no norte desde o Século XVIII. A cidade passa a ter sua economia baseada no garimpo, que ainda persistia na região, na agricultura e no pequeno comércio, que tinha influência em uma região bem menor do que fora antes. A população migrava para os grandes centros urbanos a procura de melhores oportunidades. A decadência econômica também atingiu a cidade do Serro que passou a ter sua economia fortemente influenciada por Diamantina.

O garimpo começou a entrar em decadência no final da década de 80 afetando diretamente a economia da região de Diamantina. Nesse período também surgem às primeiras preocupações ambientais da forma como estavam sendo explorados os recursos naturais existentes na Serra do Espinhaço, onde se encontra Diamantina. A população local e os políticos abriram discussões para se buscar uma nova forma de reaquecer a economia diamantinense e assim recuperar a liderança exercida em tempos anteriores. A cidade de Diamantina, já quase tricentenária, começou a voltar seus olhos para o turismo. Pousadas iam surgindo e os casarões centenários passaram a ser reformados com mais zelo, conservando suas características originais. O centro histórico já era tombado pelo IPHAN desde 1938 e as autoridades, tendo Ouro Preto como exemplo queriam ir mais fundo. Diamantina era no período colonial o mais importante núcleo urbano de Minas Gerais depois de Ouro Preto⁸ e, como essa cidade, ainda mantinha quase todas suas características originais intactas. Os Casarões mais opulentos, idênticos aos da metrópole, estavam lá ainda como há mais de 200 anos, testemunhas da ascensão e queda da exploração diamantífera.

No ano de 1993, Diamantina apresentou pela primeira vez interesse em se tornar Patrimônio Histórico da Humanidade, um fator chave para o fortalecimento do turismo na região, porém a UNESCO recusou a sua candidatura. Em 1997 Diamantina se candidatou pela

⁸ SAINT-HILAIRE, Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1974, p.141.

segunda vez na UNESCO para se tornar Patrimônio Histórico da Humanidade. Finalmente o título de Patrimônio Histórico da Humanidade veio em Dezembro de 1999 aumentando o fluxo turístico em todo o município e região, da qual Diamantina se tornou o pólo central para acomodação e partida dos turistas (Figura 04).



Figura 04: O Mercado dos Tropeiros à esquerda recebia grande parte dos produtos oriundos do norte de Minas. A direita uma parte do centro comercial de Diamantina. **Fonte:** Foto dos Autores (2009).

Atualmente, além do turismo a cidade se firmou novamente como pólo regional pelos inúmeros serviços prestados à população das cidades vizinhas e a própria cidade. A presença de Universidades e alguns serviços-chave provam isso. A proibição definitiva do garimpo em 2002 levou ao deslocamento de inúmeras pessoas da região, que sem serviço, se fixaram na periferia da cidade em busca de melhores condições.

Considerações Finais

Em comparação com os períodos anteriores, Diamantina atualmente perdeu a sua influência em parte das regiões norte e nordeste de Minas Gerais, porém continua exercendo grande influência econômica nos municípios vizinhos e no Serro, principal cidade da região depois de Diamantina. Atualmente, a população das cidades vizinhas vêm buscar alguns serviços existentes apenas em Diamantina como Universidades, aeroporto, serviços públicos e especialidades médicas, além do comércio que atende grande parte do Alto Jequitinhonha. O diamante, força motriz da economia diamantinense por mais de duzentos anos, atualmente tem uma pequena representatividade econômica na região, sendo explorado por pequenas companhias e por garimpos, na maioria ilegais.

Diamantina tem se destacado no cenário mineiro pelo fato de ser considerada

Patrimônio da Humanidade pela UNESCO devido ao seu rico acervo histórico e arquitetônico. O título, recebido há quase dez anos serve atualmente como propaganda para atrair turistas para a cidade e região.

O desenvolvimento dos meios de comunicação e principalmente de transporte a partir dos anos 50 com a abertura de novas rodovias, ligando as áreas mais ao norte diretamente com a região central do estado, abalaram um pouco a posição de centralidade econômica que se encontrava Diamantina. Quando se iniciou a busca de novas formas de reaquecer a economia diamantinense a partir dos anos 80 o turismo foi uma das formas encontradas para vencer a decadência econômica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONCEIÇÃO, Wander. & FERNANDES, Antonio Carlos. **La Mezza Notte**. Diamantina: UFVJM editora, 2ª edição, 2007

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. Editora Fundo de Cultura, 3ª edição 1961.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FURTADO, Júnia Ferreira. **O Livro da Capa Verde, o Regimento Diamantino de 1771 e a Vida no Distrito Diamantino no Período da Real Extração**. Editora Annablume; 1ª edição 1996.

GARDNER, G.; **Viagem ao Interior do Brasil**. São Paulo: Editora Itatiaia, 1975.

MARTINS, Marcos Lobato. **As variáveis ambientais, as estradas regionais e o fluxo das tropas em Diamantina, MG: 1870-1930**. Revista Brasileira de História. São Paulo. v. 26, n.51, p. 141-169. 2006.

MAWE, J.; **Viagens ao Interior do Brasil**. São Paulo: Editora Itatiaia, 1974.

SAINT-HILAIRE, A.; **Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil**. São Paulo: Editora Itatiaia, 1974.

SANTOS, J.F.; **Memórias do Distrito Diamantino**. São Paulo: Editora Itatiaia 4ª edição, 1976.

SILVA TELLES, Augusto Carlos da. **A ocupação do território e a trama urbana**. *Revista Barroco*, Belo Horizonte, v. 10, 1978/79.

SOUZA, José Moreira de. **Cidade: momentos e processos. Serro e Diamantina na formação do Norte Mineiro no século XIX**. São Paulo: Marco Zero, 1993.

VASCONCELLOS, Silvio de. **A Arquitetura Colonial Mineira**. In: *Primeiro Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1957.